

JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



As mudanças no PE da fase prosódica a sintática: uma proposta para explicar a colocação de clíticos nas subordinadas.

Ana Luiza Araújo LOPES – POSLIN/UFMG

analuizaa@gmail.com

Inscrição em comunicação temática

Linguística Gerativa e linguística histórica

Este trabalho investiga a ênclise em orações dependentes na história do PE - entre os séculos 16 e 19. A colocação pronominal é um dos assuntos mais estudados da língua portuguesa, mas sempre priorizando as orações principais finitas onde há grande variação na colocação dos clíticos, com a mudança gramatical ocorrida no século 18 (Galves, Brito e Paixão de Sousa 2005, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa 2005; Paixão de Sousa, 2004).

As orações dependentes sempre foram consideradas como contexto de próclise categórica. No entanto, nos dados extraídos do *Corpus* Histórico Tycho Brahe, apesar da predominância proclítica, foram atestados dados de ênclise em dependentes. A ênclise ocorre em orações dependentes nas gramáticas do Português – Clássico e Europeu moderno – sempre que há pelo menos um constituinte entre o complementador e o verbo. A ênclise ocorre em todo o período – Português Clássico ao Português Europeu moderno – em vários tipos de oração: relativas, completivas, dependentes iniciadas em *porque*. Mostro ainda que há uma estabilidade ao longo do tempo na colocação de clíticos em orações dependentes, ao contrário do que acontece nas orações principais. A pergunta a ser respondida foi: como essas duas gramáticas geram a ênclise nas dependentes?

Analisei o fenômeno com base no CP expandido de Rizzi (1997), e ainda retomando a proposta de Galves e Sandalo (2009), para a colocação de clíticos no PCI e no PE. Mostrei que a próclise é a ordem predominante nas orações dependentes na história do PE entre os séculos 16 e 19.

A comparação dos dados do português arcaico (Ribeiro 2009), do Corpus Tycho Brahe e dos dados de português moderno (Frota e Vigário), mostra que a colocação de clíticos em dependentes não varia muito na história do PE.

Nas duas gramáticas do português- PCI e PE- a próclise é predominante nas orações dependentes. Isto ocorre apesar de todas as mudanças acontecidas na gramática da língua. Enquanto no PCI o padrão era proclítico nos contextos de variação, a partir do século 18 emerge o PE, de padrão enclítico.

Mesmo com a predominância proclítica em dependentes, a ênclise ocorre durante todo o período. Todas as orações dependentes com ênclise têm algumas características em comum:

- A colocação pós-verbal do clítico só ocorre em orações dependentes do tipo relativas, orações completivas com verbo ser, orações completivas com verbos epistêmicos e em orações iniciadas em *porque*;
- Apenas um verbo entre os verbos das orações dependentes estão no modo indicativo, são factuais;
- A ênclise nunca ocorre com o complementador imediatamente seguido pelo verbo, é preciso pelo menos um constituinte intervindo.

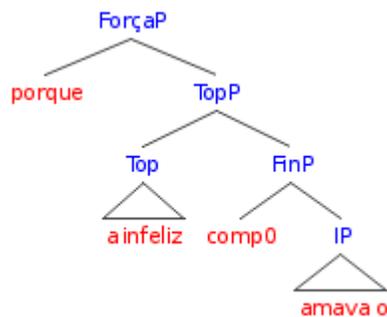
Ressalto que apesar de todas as mudanças ocorridas na gramática na língua, em certa medida a ênclise está sujeita à mesma restrição: só ocorrer com o verbo em posição V1. Enquanto no PCI a ênclise é derivada quando o verbo está iniciando um novo domínio prosódico, no PE ocorre quando o verbo está iniciando num novo domínio sintático

PCI – V1 iniciando nova curva entoacional:

1. “O terceiro motivo de maior temor, que há no juízo dos homens, comparado com o de Deus, [**que**]I [no Juízo de Deus as nossas boas obras]I [**defendem-nos**]I, no juízo dos homens o maior inimigo que temos são as nossas boas obras.” (Vieira-sermões)

A ênclise é derivada no PCI, quando entre o complementador e o verbo, há uma fronteira entoacional, o verbo está inicial em um domínio prosódico.

PE – após movimento de *lowering* motivado por V1, novo CP em Fin:



No caso do PE, o verbo está na primeira posição no novo como projetado em Fin. A ênclise é derivada por *lowering*, para que o clítico não seja o primeiro elemento do novo CP.

Ressalto ainda que essas orações dependentes com ênclise têm mais uma característica em comum: a presença do tópico pendente enfraquece essa relação de subordinação, seja por questões prosódicas, seja por questões sintáticas. Essas estruturas que têm, em alguma medida, independência da oração matriz, e das relações com o próprio complementador realizado.

Palavras chave: Orações dependentes, Português Clássico, Mudança lingüística, Clíticos, CP expandido

Referências Bibliográficas

CORPUS HISTÓRICO DO PORTUGUÊS TYCHO BRAHE –
<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/>

FERNANDEZ-RUBIERA, F.J. (2009) “*Clitics At The Edge: Clitic Placement In Western Iberian Romance Languages*” Tese (Doutorao em Português e Espanhol. Washington. Georgetown University

GALVES, Charlotte. (2004). *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística – Fase II*. Projeto de pesquisa apresentado à FAPESP. Campinas, março de 2004.

GALVES, Charlotte e SANDALO, Filomena.(2009) “From Intonational Phrase to Syntactic Phase : the grammaticalization of enclisis in the history of Portuguese.” Manuscrito inédito. Unicamp

IATRIDOU, Sabine; KROCH, Anthony. (1992) “The Licensing of CP-recursion and its Relevance to the Germanic Verb-Second Phenomenon”. *Working Papers In Scandinavian Syntax*, Helsinki, v. 50, n. , p.1-24.

Lopes, A. L.A. “ A ênclise em dependentes na história do Português Europeu” Dissertação de mestrado. Campinas: 2010.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2004) – *Língua Barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Ilza. (2009) “Sobre os usos da ênclise nas estruturas subordinadas no Português Arcaico. VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa.

RIZZI, L. 1997. The Fine Structure of the Left Periphery. In *Elements of Grammar: Handbook in Generative Syntax*, ed. Liliane Haegeman, 281-337. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers.